

CONFLITOS E RELAÇÕES DE PODER NOS ESPAÇOS URBANOS¹

*“Um governo que quer acabar com o crack,
mas não tem moral de vetar comercial de
cerveja”* (Duas de Cinco. Criolo)

Interesses por trás da higienização no Brasil

Isabel Grassioli²

Selma Martins Duarte³

A proposta deste mural do projeto de extensão Observatório do Mundo Contemporâneo (OMC) é problematizar ações públicas voltadas aos moradores de ruas, bem como aos usuários de drogas, sobretudo na cidade de São Paulo. Buscamos compreender os interesses que permeiam atos, como os de João Doria, atual prefeito de São Paulo. Contribuíram para a análise histórica sobre higienização, e medidas sanitaristas impostas às classes pobres urbanas, as obras “Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial”, de Sidney Chalhoub (1996), e “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra” de Friedrich Engels (2010).

Não é novidade que no Brasil governantes se utilizem de discursos apropriados de técnicos sanitaristas para colocarem em prática medidas que promovam um deslocamento das populações pobres, também compreendidas pelas elites como “classes perigosas”, dos centros das cidades para as periferias. Esses deslocamentos são travestidos de medidas técnicas sanitárias, que aparentemente servem para o bem-estar da população. Porém, reside aí relações de poder em que grupos hegemônicos se apropriam do centro da cidade e desejam lucrar com a especulação imobiliária, porém os governantes buscam ocultar o sentido classista dessa ação política, como bem destaca Chalhoub em seu livro:

Foi ainda possível observar a gênese, ocorrida no Brasil precisamente no decorrer da segunda metade do século XIX, da ideologia da “**administração competente**” e da gestão “**técnica**” da coisa pública, algo que permitiu aos governantes **ocultar**, ou ao menos **dissimular**, desde então, o **sentido classista de suas decisões políticas**. (CHALHOUB, 1996, p. 8. Grifo nosso)

¹ Mural do Observatório do Mundo Contemporâneo elaborado nos meses de julho e agosto de 2017, coordenado por Isabel Grassioli e Selma Martins Duarte e desenvolvido pela equipe de estagiários do projeto de extensão.

² Doutoranda em História pela UNIOESTE. E-mail para contato: grassioli@gmail.com

³ Professora do curso de História da UNIOESTE. E-mail para contato: sduarte2001@yahoo.com.br

A população pobre, indesejada nos espaços privilegiados da cidade, é reprimida e repelida para a periferia. No entanto, o discurso formulado sobre essa ação é amparado em suposta contribuição social, que busca legitimidade em um discurso sanitarista. A higienização foi apropriada por políticos brasileiros como uma ideologia que conduziria à “civilização”, como destaca Chalhoub (1996, p. 35). O fato do Brasil ter adotado um modelo francês como paradigma para a constituição do centro da cidade do Rio de Janeiro, exemplifica muito bem a tese do autor. Inspirado na Belle Époque francesa, os centros urbanos seriam as vitrines das cidades para o mundo. Desse ponto de vista, seria inaceitável que o centro fosse frequentado e habitado por pobres.

Doenças frequentes no Brasil foram associadas às camadas pobres pelos médicos sanitaristas e demais técnicos, dessa forma, essa parcela da população passa a ser frequentemente vigiada, e compelida a mudar seus hábitos, mesmo que não tenham recursos para fazê-lo. São obrigados a dispersar dos locais em que residiam, deixando o espaço para as obras públicas de alargamento de avenidas, construção de túneis e construção de lojas pomposas. Obrigados a deslocar para a periferia resistem. A resistência é fruto da falta de recursos para pagar transporte da periferia para o centro, local onde frequentemente trabalham, além de significar a luta pela manutenção dos espaços que habitam e das relações sociais constituídas nestes espaços.

Algumas permanências neste processo de gentrificação são visíveis. O que Dória faz em São Paulo assemelha-se, em certos aspectos, às ações do prefeito Barata Ribeiro no Rio de Janeiro em fins do século XIX, e não difere muito de ações de outros tantos prefeitos e governadores do Brasil. Segundo Engels, em sua análise da teoria predileta da burguesia inglesa - a malthusiana da população: “Em síntese, a questão não está em providenciar a sobrevivência da população excedente: está em limitá-la, de um modo ou de outro, o mais possível” (2010, p. 315). O mesmo ocorre hoje em muitas ruas do Brasil, onde inclusive matasse com o argumento de se fazer “limpeza” e estabelecer a “ordem”.

Não negamos a importância de medidas sanitárias e de políticas públicas voltadas aos moradores de rua e aos dependentes químicos. No entanto, deveriam ser ações universais, que respeitassem os sujeitos envolvidos, e que fossem para o bem comum e não em favor apenas dos interesses de grupos hegemônicos. Via de regra, isso não ocorre no Brasil. Vamos exemplificar com o saneamento básico, tão importante, mas que contempla, geralmente, os moradores dos centros das cidades e nunca os da periferia. Já no interior dos municípios comumente não há água tratada, muito menos esgoto tratado. Para uma parcela significativa da população também falta opções de trabalho e lazer, fundamentais para a saúde e o bem-estar.

Para aprofundar essa análise organizamos, neste mural, três textos que tratam dos seguintes temas: “São Paulo: higienização a serviço de quem?” em que os autores buscam analisar os encaminhamentos dados por João Doria, na prefeitura de São Paulo, em relação aos moradores e frequentadores da região da Cracolândia. Analisa ainda as intenções por trás da proposta de “limpeza” dos grafites e piches em toda a cidade de São Paulo. Já o texto “Crack e Cracolândia: o outro lado da ‘cidade linda’” analisa a violência do poder público e da elite de São Paulo em relação aos moradores e frequentadores da Cracolândia, fundamentalmente aos usuários de drogas. Amparados em um falso discurso higienista recuperam práticas de segregação social e espacial como as já ocorridas no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX. Os autores analisam ainda a falta de políticas públicas efetivas em relação aos usuários de drogas, que possibilitem a esses sujeitos alternativas e não a repressão. Por fim, o texto “Qual é o seu vício?” busca problematizar as formas lícitas e ilícitas de vícios e as razões que levam pessoas a se viciarem. Analisa também o papel da publicidade no incentivo a determinados vícios sem qualquer tipo de regulamentação por parte do Estado.

Com esse conjunto de abordagens pretendemos problematizar como a partir do projeto de higienização em São Paulo podemos refletir sobre as práticas higienistas no Brasil, e os interesses que movem tais práticas.

Referências bibliográficas

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. Brasiliense, 1982

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. Companhia das Letras, 1996.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução: B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010.

São Paulo: higienização a serviço de quem?

Isabelli Marcondes Grein

Jhonatan Vicentini

Vanessa Evangelista Rocha

No início do ano de 2017, em São Paulo, o prefeito João Doria (PSDB) implantou diversas medidas com suposto intuito de higienizar a cidade. Para isso implantou leis, modificando a forma de abordar dependentes químicos e moradores de rua. Estas medidas causaram descontentamento em vários setores da sociedade.

A intervenção que o prefeito Doria propôs foi o encaminhamento dos usuários de crack ao tratamento forçado. Método que vem deixando profissionais da saúde preocupados, pois, segundo estes profissionais, deve haver iniciativa por parte dos próprios dependentes em buscar tratamento e não uma imposição arbitrária como tem sido feito em São Paulo. Segundo dados da Fundação Oswaldo Cruz:

Outro importante resultado do estudo brasileiro indica que 78% dos pesquisados manifestaram o desejo de se tratar. Indagados, contudo, sobre qual o tratamento que desejam, indicaram, na realidade, serviços de cuidados básicos de saúde e outros de caráter social, com oferta de hospedagem, alimentação, higiene pessoal, programas de requalificação profissional etc.

A evidência de que houve abuso de poder, por parte do governo de São Paulo, foi relatado pela revista *Época*, segundo a qual, no dia 11 de julho de 2017, varredores, a serviço da prefeitura, abriram espaço entre os moradores da Cracolândia para a limpeza do local, retirando seus pertences pessoais a força, e utilizando de violência contra elas. No dia 14 de julho o comando da polícia atuou dispersando os usuários envolvidos da praça Princesa Isabel, deixando entre eles, alguns feridos.

A quantidade de usuários vem duplicando na Cracolândia, segundo dados da Revista *Veja*, publicada no dia 07 de agosto de 2017. O atual prefeito da cidade de São Paulo diz que o “fluxo” não ultrapassava de 300 dependentes durante o mês de julho, no início de agosto chegava a casa de 600 usuários, e na mesma época o trabalho das equipes de assistência social e de saúde, já haviam convencido 1.196 pessoas a buscarem internamento. Há um aumento significativo de pessoas chegando a Cracolândia, segundo dados da revista. Essa situação está relacionada ao contexto de intensificação de

exploração capitalista, em que dia a dia mais pessoas encontram-se desempregadas e desassistidas por políticas públicas que as possibilitasse reverter esse quadro de miséria. Dessa forma, tem aumentado o número de moradores de rua e, em menos de quinze anos, o número de 8,7 mil moradores de rua passou para 16 mil (sem tetos e pessoas que vivem em abrigos e albergues), conforme dados levantados, essa realidade não é exclusivamente brasileira e das ruas paulistanas, mas trata-se também de uma conjuntura internacional.

A solução não é somente a dispersão desses cidadãos que habitam as ruas ou a Cracolândia. O desemprego e o empobrecimento da população os deixam cada vez mais vulneráveis aos vícios e a uma condição de vida cada vez mais precária, gerando assim novos problemas sociais urbanos.

Qual seria então a verdadeira intenção por trás deste projeto implantado pela prefeitura? Quem seriam os beneficiados? Uma vez que Jaime Lerner, ex-prefeito da cidade de Curitiba, foi contratado para elaborar um projeto milionário de reurbanização nesta área, que encomendado pelo próprio Prefeito Doria, sairá dos cofres públicos sem consulta a população. Esta reurbanização não irá colaborar na melhoria das condições de vida dos usuários e nem dos moradores de rua, habitantes e pequenos comerciantes locais, mas sim no favorecimento do mercado imobiliário e de grandes empresários. Uma proposta mais adequada, seria a aplicação de políticas públicas, como por exemplo, o acompanhamento psicológico em programas de redução de danos, intervenção clínica se o usuário achar necessário e encaminhamento ao mercado de trabalho, além de auxílio e acesso à moradia em casos de dificuldades financeiras ou quando não há apoio e compreensão por parte da família, que promoveria dessa forma uma reinclusão social.

Para favorecer o mercado imobiliário, também foi criado o “Pichar é crime” com base na lei 12.408/2011, que nesse contexto, distingue Grafite como sendo arte feita sob o consentimento do poder público, do arrendatário, locatário ou proprietário de locais como paredes, muros e prédios, possui características de fácil compreensão, mensagens e figuras dotadas de estética visual. Já pichação, também contém frases poéticas, marcas pessoais e individualidades, que são transpassados através das paredes, porém o pichador, é um sujeito que vive à margem da sociedade, cobra das pessoas, dos governantes e da sociedade como um todo o seu espaço de aceitação reivindicando direitos e questionando a quem detém o poder, realizando seus atos sem o consentimento de quem é proprietário do local, prédios abandonados entre outros. Assim sendo, o grafite além de forma de expressão é também a forma de ganhar a vida de muitos artistas que foram prejudicados

tendo suas criações apagadas, juntamente com a população, que vislumbrava de uma paisagem urbana diferenciada.

Dessa maneira, Doria não está combatendo uma problemática social e urbana, como o caso das drogas ou das pichações, mas sim, defendendo o interesse econômico do grande capital, usando os dependentes químicos e os moradores de rua como desculpas, como a de que precisam ser removidos para não proliferar doenças, vícios ou epidemias. Estaria assim promovendo uma verdadeira “limpeza”. Promove uma imagem de si mesmo como um interventor bem-intencionado que atua no momento oportuno, porém, ele contradiz práticas médicas e sociais coerentes, como por exemplo, um prévio encaminhamento das pessoas que estão nessas más condições de insalubridade a um tratamento adequado. Suas intenções vão ao encontro de oportunistas que se aproveitarão da segregação social gerada pela expulsão dos usuários de crack, dos moradores de ruas e do fechamento de estabelecimentos comerciais mais simples, mostrando assim, que a luta e divisão de classes ainda permeia em nossa história atual através da repressão e da insensibilidade com que esses indivíduos são tratados.

Referências:

BASTOS, Francisco I.; BERTONI, Neilane: Pesquisa Nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? Quantos são nas capitais brasileiras? Rio de Janeiro, ICICT/FIOCRUZ, 2014

CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo, Cia da Letras, 1996.

Sites consultados:

<http://veja.abril.com.br/brasil/concentracao-de-usuarios-quase-dobra-em-um-mes-na-cracolandia/>

<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/03/populacao-de-rua-em-sao-paulo-quase-dobra-em-15-anos.html>

<http://justificando.cartacapital.com.br/2017/02/02/linha-tenue-entre-arte-crime-de-pichacao-e-grafitagem/>

<http://justificando.cartacapital.com.br/2017/05/25/o-que-ha-por-tras-da-acao-higienista-na-cracolandia/>

Documentário Pixo. Disponível em: <https://vimeo.com/29691112>

Crack e Cracolândia: o outro lado da “cidade linda”

Alex Sander Sanoto

Daniela Fátima Henriksen

Félix Vinicius Sostisso Eichelberger

O slogan principal da gestão do prefeito de São Paulo, João Doria (PSDB), tornou-se nacionalmente conhecido: “São Paulo, cidade linda”. Por trás desta pequena e singela frase, estão ações da administração municipal que deixam claro qual a concepção de “cidade linda” que eles têm. É a velha noção de higienização do espaço urbano, tão utilizada pelas elites ao menos desde o século XIX.

O historiador Sidney Chalhoub (1996) destacou as práticas de segregação espacial ocorridas na cidade do Rio de Janeiro, principalmente durante as décadas de 1880 e 1890. Durante este período, muitos cortiços foram demolidos para a construção de centros de comércio e obras públicas. Segundo o autor, o “Cabeça de Porco”, maior cortiço da cidade e onde habitavam milhares de trabalhadores pobres, sofreu inúmeros ataques de jornais da época e também da gestão municipal, embasados no discurso de que quem morava lá eram pessoas de “má índole”. Em 26 de janeiro 1893, com autorização do prefeito Barata Ribeiro, vários destacamentos policiais se deslocaram para o Cabeça de Porco, expulsaram de lá todos os moradores e demoliram o local. Posteriormente lá foi construído um túnel para facilitar a circulação do comércio.

Encontramos semelhanças nessa forma de atuação na gestão atual da cidade de São Paulo. Algumas semanas atrás foram amplamente noticiadas pelos meios de comunicação as investidas repressivas do governo Doria contra os habitantes de uma região conhecida como “Cracolândia”, um lugar onde se concentra o consumo de drogas, especialmente o crack, ocupado por centenas ou até milhares de pessoas, muitos são moradores de rua há pelo menos uma década. Doria e seus correligionários mandaram a tropa de choque e a polícia militar para expulsar do local as pessoas que estavam lá e demolir as antigas construções que serviam de moradia para alguns⁴.

⁴Documentário “Hotel Laide: o lado B da cracolândia de SP”, dirigido pela antropóloga e pesquisadora Débora Diniz. Disponível em: { www.youtube.com/watch?v=vvRYqpmvzUU } Acessado em 19 de agosto de 2017, às 21:00 horas.

Ações como esta, de repressão violenta e descaso com relação aos usuários de drogas, principalmente por serem pobres e não terem lugar para morar, são recorrentes no passado e no presente. Inúmeras entidades e organizações vinculadas ao problema das drogas tem uma posição clara de que o abuso de entorpecentes é um problema de saúde públicas, e deve ser tratado assim. Não como um problema de polícia.

Lugares como a Cracolândia existem, talvez em proporções menores, em todas das grandes cidades do Brasil. São espaços de reunião, onde se vende e se consome a droga. Mas não é só isso, muitas das pessoas que circulam pelo local são de fato moradoras da área, estão lá dia e noite, todo dia⁶.

Que essas pessoas estão lá em busca de crack, isso é fato, mas por que essas pessoas aceitam viver em condições degradantes apenas para ter acesso à droga? O que o crack tem de especial? Quais efeitos causa nos seres humanos?

O crack é uma droga psicoativa, sintética, derivada da pasta base da cocaína. É o famoso “resto da coca”. Ele pode ser consumido através de cachimbos, que podem ser fabricados facilmente, a “pedra na lata” é um exemplo clássico. O consumo do crack traz danos à saúde em médio prazo de frequência do consumo, seus efeitos podem ser nocivos ao organismo humano, e mesmo causar vício, o que não significa que o problema do vício seja imediato ao consumo de crack, mas sim constitui um processo de dependência química. Por ser uma substância que causa certo bem-estar momentâneo, muitas pessoas que consomem o crack procuram no seu efeito uma forma de tornar a realidade distorcida, pelo fato de estarem diante de uma realidade social precária, desumana, onde o sujeito não encontra melhores perspectivas dessa realidade.

A falta de oportunidade de trabalho, um problema estruturado e enraizado no capitalismo, induz que determinados sujeitos fiquem em tais condições degradantes e desumanas. Nestas condições muitas pessoas sentem a necessidade de distorcer a sensibilidade de realidade, usando a droga como ponto de fuga desta realidade complexa, contraditória e conflituosa.

⁵ Segundo a reportagem produzida por Bruno Bocchini, repórter da Agência Brasil uma pesquisa da Secretaria de Estado de desenvolvimento Social de São Paulo mostra que a quantidade média de usuários de drogas que frequentam o “fluxo” mais do que dobrou nos meses de abril e maio de 2017, em comparação aos mesmos meses de 2016, representando isso, uma quantia de aproximadamente 1.861 pessoas, porém os números apresentados nos mostram controvérsias. Segundo outra fonte, o Estadão, 2.000 pessoas frequentam o espaço da Cracolândia. Site do Estadão: <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,2-mil-usuarios-de-droga-frequentam-a-cracolandia-imp>. Acesso em 19 de agosto de 2017.

⁶ Documentário Profissão Repórter - Filhos do crack - Edição de 27/05/2014.

Sabemos que a cidade é um meio onde os sujeitos que trocam relações se expressam constantemente, seja no âmbito público ou privado. Entretanto, tem ocorrido o cercamento e extremo policiamento do espaço público que diz respeito ao lazer. Dessa forma, lugares como praças e bosques são dia e noite vigiados pelos aparatos repressivos do estado que controlam, de certa forma, a movimentação de pessoas que circulam nesses lugares. Essa medida visa excluir as “camadas perigosas da sociedade” (como costuma argumentar as elites) que é a camada mais pobre, deste dito espaço público, que deveria ser destinado a recreação cultural e de lazer da população, inclusive da classe trabalhadora. Entretanto, como evidenciado na matéria do G1 Uberlândia esses lugares são constantemente vigiados com uma expressiva mobilização policial, revistando todos que circulam por esses espaços, como observa-se na citação:

A polícia Militar (PM) realizou uma blitz preventiva no Centro de Uberlândia durante a madrugada deste domingo (4). De acordo com as informações do subcomando do 17º Batalhão de Polícia Militar (PM), o objetivo da ação foi reprimir o uso e tráfico de drogas na região. Nove viaturas e 27 policiais militares lotados no batalhão participaram da abordagem.

Durante a blitz foi feita batida policial para busca de drogas e armas nas pessoas que estavam na Praça Rui Barbosa, popularmente conhecida como “Praça da Bicota”, e nas ruas do entorno. Ainda segundo a PM, nada ilícito foi encontrado durante a abordagem e não houve detidos.⁷

Mesmo não encontrando nada ilícito, como consta na matéria, as pessoas abordadas figuram como suspeitas, mesmo que não exista a prova.

Segundo o site Leia Mais⁸, o número de pessoas dependentes de químicos só no Brasil passa de 37,6 milhões, um número realmente impressionante que envolve o uso de drogas consideradas lícitas e ilícitas. E ainda, segundo o portal R7⁹, o Brasil representa 20% do consumo mundial de crack.

Após a realização destas ações de repressão por parte da Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, podemos perceber, do ponto de vista social, o quão desastroso e fracassado foi o projeto de “limpeza urbana” na Cracolândia. A prática deste projeto, nos deixa claro as contradições deste processo, pois, se a maior parte dos usuários que habitam

⁷ Matéria do site do G1 Uberlândia “Dezenas de pessoas são abordadas durante blitz da PM em praça de Uberlândia”. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/dezenas-de-pessoas-sao-abordadas-durante-blitz-da-pm-em-praca-de-uberlandia.ghtml>. Acesso em 03/09/2017 às 21:41 horas.

⁸ “Número de dependentes de drogas já passa dos 37 milhões de pessoas no Brasil” <http://leiamais.ba/2015/06/27/numero-de-dependentes-de-drogas-ja-passa-dos-37-mi-de-pessoas-no-brasil>

⁹ Reportagem do R7 <http://noticias.r7.com/saude/epidemia-de-crack-atinge-dois-milhoes-e-coloca-brasil-no-topo-do-ranking-de-consumo-da-droga-29052017>

a Cracolândia são pobres, moradores de rua quais as alternativas e políticas públicas são voltadas para estes sujeitos, que possibilite recuperarem a saúde física e mental, além dos danos causados pelo vício? Como sair desta situação de falta de moradia, por exemplo? Essa é a grande questão, quando os usuários se veem forçados repressivamente a abandonar a Cracolândia, onde já construíram certo vínculo social, se movimentam em direção a espaços que os possibilitem consolidar novamente suas relações com o ambiente de usuário de drogas, e que lhes ofereçam mínimas condições de estabilidade, nem que esta estabilidade represente apenas um lugar para dormir e viver sem ter de passar por humilhações e preconceitos.

Os próprios estereótipos são elementos que contribuem para a concentração destas pessoas em um mesmo espaço, dividindo hábitos, inclusive o hábito de uso das drogas. As poucas alternativas já sugerem que estas ações são inúteis, pois são ações que de forma nenhuma visam esgotar o problema da Cracolândia e das drogas, mas sim amenizar as impressões das elites acerca da cidade e do “progresso urbano e comercial”, sobretudo quando entendemos estas políticas pela ótica da especulação imobiliária. É neste momento que se reascende a necessidade de discutir e entender o processo de formação deste espaço (espaço que envolve disputas de poder) ocupado por usuários, moradores de rua, levando em consideração suas condições e as múltiplas trajetórias.

O debate sobre esta temática aponta para a necessidade de se questionar as políticas de ações públicas voltadas a problemática das drogas, e sua forma de atuação junto aos moradores de ruas e aos usuários de drogas. Sem dúvida é uma situação muito complexa de se resolver, mas é certo que não é competência do aparato repressivo, e criminal em termos judiciais, lidar com pessoas nesta situação. A atuação do Estado deveria contemplar práticas que possibilitasse compreender e tratar a questão como um problema público de saúde, moradia, trabalho, lazer e educação.

Referências Bibliográficas

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Qual é o seu vício?

Ana Paula Vieira

Carla Leticia Lucion Freitag

Thauany Pazotto

O vício pode ser compreendido como uma condição crônica, na qual o sujeito busca compulsivamente determinado hábito que lhe traz prazer momentâneo, mas que a longo prazo pode o prejudicar. As substâncias, comportamentos e situações que nos proporcionam prazer estimulam em nosso organismo a liberação de dopamina, um neurotransmissor relacionado a sensação de bem-estar¹⁰. Nesse sentido, situações cotidianas que nos alegram e nos causam prazer, como alimentação, exercício físico e relação sexual, estão suscetíveis a se tornarem vícios quando feitas compulsivamente.

Existem algumas substâncias e situações que causam uma explosão de dopamina no cérebro, o qual, nesse momento, desenvolve uma tolerância ao alto nível desse neurotransmissor. Tal processo pode resultar mais facilmente em uma dependência, pois essa troca de recompensas traz o desejo de repetição, geralmente mais intensas.

Do ponto de vista psicológico, o vício é um mecanismo de fuga emocional para buscar prazer e esquecer a dor, sendo que o que lhe diferencia de um ato comum é o seu potencial prejudicial. Desse modo, vício é aquilo que se faz no dia-a-dia que impede de se ter uma boa relação familiar, um bom desempenho acadêmico ou profissional, podendo interferir na saúde física e/ou emocional.

Existem muitos fatores que podem colaborar para o surgimento do vício, como: situação econômica, conflitos familiares, estresse, genética, condição mental. Mas devemos estar cientes que geralmente são um conjunto de fatores que incidem sobre a postura e as escolhas do sujeito.

Existem diversos tipos de vícios, em diferentes níveis na sociedade. Por exemplo, no momento atual percebe-se uma situação grave em relação ao uso inadequado das novas tecnologias, especialmente os smartphones, no qual possuímos extrema facilidade para acessar as mais diversas ferramentas e respostas presentes na internet. Essa versatilidade, em conjunto com o sistema de recompensas das redes sociais (curtidas, retuítes, views...), instiga as pessoas

¹⁰ ABELINO, Thiago Marques. Um pouco sobre o cérebro, drogas, o prazer e o vício, 2015. Disponível em: <<https://neuroscienceknowledge.wordpress.com/2015/02/22/um-pouco-sobre-o-cerebro-drogas-o-prazer-e-o-vicio/>>. Acesso em: 4 de agosto de 2017.

a permanecerem conectados a ele constantemente. Muitos viciam-se nesse sistema, pois este estimula a liberação de dopamina, acarretando numa sensação de prazer.

É visível o crescimento intenso do uso de smartphones, principalmente entre os mais jovens. Uma pesquisa feita pela empresa britânica de segurança SecurEnvoy demonstra que 76% das pessoas entre 18 e 24 anos sofrem do medo irracional de ficar sem seu celular, podendo chegar a situações de pânico¹¹. Esta doença chama-se Nomofobia e atinge pessoas do mundo todo, principalmente aquelas com ansiedade e dificuldades em se comunicar, se tornando uma válvula de escape da realidade. O conselho de psicólogos é que as pessoas repensem sua relação com o aparelho, seu tempo gasto conectado e aproveitem os momentos off-line, que são um presente para quem está presente.

Para além de vícios ligados a fatores psicológicos, ao pensar nas diversas relações de vício, podemos nos atentar na influência que o estado neoliberal e o sistema capitalista, no qual estamos inseridos, exercem cotidianamente na manutenção de elementos que também podem acarretar em vício, como o monopólio midiático e sua relação com o consumismo.

Essa relação ocorre cotidianamente na construção publicitária, podendo notar o incentivo ao consumo de diversas substâncias que podem causar dependência, mas são consideradas lícitas. Dessa forma, encontramos comumente propagandas que representam formas sugestivas do consumo de cervejas, destilados, assim como também do uso constante de medicamentos sem prescrição médica.

O consumo é mais um hábito que nos proporciona prazer momentâneo e quando praticado de forma exagerada e descontrolada, sem a reflexão sobre a real necessidade do produto ou sobre a condição financeira do sujeito, é considerado um transtorno psiquiátrico, chamado Oneomania. Esta seria a “doença da dívida” e é frequentemente estimulada pelo atual sistema de marketing, o qual está presente na vida de grande parte da sociedade, através da internet, televisão, revistas, jornais, rádios, painéis e vitrines atraentes de lojas.

A facilidade de se obter um cartão de crédito e de comprar sem sair de casa também colabora para que ocorra um aumento no consumo por parte de uma parcela significativa da sociedade. A compra pode preencher um vazio que a pessoa sente, se tornando um mecanismo para aliviar sentimentos como de frustração ou angústia e proporcionar picos de prazer. Quando se possui tal relação com os bens materiais e com o dinheiro em si o endividamento ocorre com muito mais facilidade, assim como o acúmulo de objetos.

¹¹ DEMARTINI, Felipe. Nomofobia: o vício em celular agora é uma doença, 2012. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/saude/21930-nomofobia-o-vicio-em-celular-agora-e-uma-doenca.htm>>. Acesso em: 5 de agosto de 2017.

Ao retomarmos a influência dos canais de comunicação na relação entre o sujeito e os vícios, também é possível problematizar questões como os padrões estéticos impostos por diversos grupos midiáticos. A relação entre mídia e padrões de beleza pode gerar um cuidado excessivo com o corpo, no qual suas consequências podem acarretar em doenças, como anorexia, bulimia ou vigorexia.

Para além da rejeição, na relação do sujeito com o alimento, também pode ser problemático o seu consumo compulsivo. O abuso alimentar ocorre quando a pessoa não tem mais controle sobre sua alimentação e pode causar diversos danos físicos, como obesidade, diabetes ou doenças cardíacas. Normalmente são os alimentos não-saudáveis que causam tais problemas¹². Esses alimentos normalmente possuem um alto nível de carboidratos e gorduras e por isso, segundo estudiosos do tema, são capazes de produzir maiores quantidades de dopamina no corpo. Quando isso ocorre, o sistema de recompensa fica mais resistente, criando uma tolerância e a necessidade de doses cada vez maiores para alcançar a sensação de prazer inicial.

De forma trivial, a obesidade é relacionada, entre outras coisas, à falta de força de vontade por parte do sujeito doente. Porém, é preciso reconhecer o processo psicológico e biológico presente no ato de alimentar-se e a dificuldade de superar um vício como esse. Também existem estudos que comprovam que o ato de ingerir de forma compulsiva pode ser uma forma rápida de suprimir uma dor psíquica, atuando como uma fuga ao nervosismo, ansiedade ou depressão. Nesse sentido, os alimentos têm a capacidade de satisfazer nossas emoções a curto prazo, ocasionando processos internos semelhantes ao do consumo de álcool ou tabaco.

Em suma, os hábitos incontroláveis prejudicam a vida daqueles que os fazem, tornando-se viciados, e também daqueles próximos a ele. Além disso, a relação do indivíduo com os diversos produtos viciosos não ocorre somente ao abordar a utilização de drogas ilícitas.

O vício químico é real e não deve ser negligenciado, porém o julgamento que se faz sobre ele também pode ser prejudicial, mascarando e neutralizando o contato com outros elementos viciosos considerados lícitos.

Por fim, é fundamental pensar a importância de uma mudança deste cenário, pois tal visão preconceituosa e superficial prejudica a discussão e o tratamento dos diversos casos de

¹²GAZZO, Adriano. Vício alimentar - um problema sério com uma solução simples, 2017. Disponível em: <<http://www.paleodiario.com/2015/04/vicio-alimentar-um-problema-serio-com.html>>. Acesso em: 5 de agosto de 2017. Tradução de: GUNNARS, Kris. FoodAddiction - A SeriousProblemWith a SimpleSolution, 2017. Disponível em: < <http://www.healthline.com/nutrition/how-to-overcome-food-addiction>>. Acesso em: 24 de agosto de 2017.

dependência que vão além das drogas sintéticas e químicas, principalmente em âmbito popular. Quando ficamos atentos e compreendemos o que significa a condição de um viciado conseguimos encontrar diversos casos em nosso próprio convívio, que muitas vezes são naturalizados frente as substâncias psicoativas.

Referências

ABELINO, Thiago Marques. Um pouco sobre o cérebro, drogas, o prazer e o vício, 2015. Disponível em: <<https://neuroscienceknowledge.wordpress.com/2015/02/22/um-pouco-sobre-o-cerebro-drogas-o-prazer-e-o-vicio/>>. Acesso em: 4 de agosto de 2017.

AZEVEDO, Tiago. Nomofobia (Vício em celular): Sintomas, Causas, Tratamento, 2015. Disponível em: <<http://psicoativo.com/2015/12/nomofobia-sintomas-causas-e-tratamento.html>>. Acesso em: 5 de agosto de 2017.

DEMARTINI, Felipe. Nomofobia: o vício em celular agora é uma doença, 2012. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/saude/21930-nomofobia-o-vicio-em-celular-agora-e-uma-doenca.htm>>. Acesso em: 5 de agosto de 2017.

GAZZO, Adriano. Vício alimentar - um problema sério com uma solução simples, 2017. Disponível em: <<http://www.paleodiario.com/2015/04/vicio-alimentar-um-problema-serio-com.html>>. Acesso em: 5 de agosto de 2017. Tradução de: GUNNARS, Kris. FoodAddiction - A Serious Problem With a Simple Solution, 2017. Disponível em: <<http://www.healthline.com/nutrition/how-to-overcome-food-addiction>>. Acesso em: 24 de agosto de 2017.

LANDIN, Kauane. Oneomania: a Doença do Consumismo. Disponível em: <<http://www.minutopsicologia.com.br/postagens/2015/05/15/oneomania-a-doenca-do-consumismo/>>. Acesso em: 5 de agosto de 2017.

SBIE, Equipe. Entenda o que é vício segundo a Psicologia, 2016. Disponível em: <<http://www.sbie.com.br/blog/entenda-o-que-e-vicio-segundo-psicologia/>>. Acesso em: 4 de agosto de 2017.

SILVA, Claudio Henrique, Virtudes e vícios em Aristóteles e Tomás de Aquino: oposição e prudência. *Boletim do CPA*, Campinas, nº 5/6, jan./dez. 1998.

VARELLA, Drauzio. O vício de comer, 2013. Disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/obesidade/o-vicio-de-comer/>>. Acesso em: 5 de agosto de 2017.